

# Água e ar em uma cidade higiênica, asséptica, inodora: a produção de um espaço urbano nas crônicas do arquiteto Alfredo Camarate

*Water and air in a hygienic, aseptic, odorless city: the production  
of an urban space through out the chronicles of the architect  
Alfredo Camarate*

VERONA CAMPOS SEGANTINI

Universidade Federal de Minas Gerais | UFMG

**RESUMO** Este artigo busca problematizar aspectos que atravessaram a reordenação de espaços urbanos na viragem do século XIX para o XX. Tendo Belo Horizonte como referência, elenca questões que estiveram presentes nas discussões a respeito da construção de uma cidade que se projetava como ideal. A partir de crônicas escritas pelo arquiteto Alfredo Camarate é possível acessar as concepções de cidade que orientavam aqueles envolvidos com a sua construção. As crônicas abordam temas como quantidade e qualidade da água e do ar, perfilando escolhas e repertórios daqueles considerados produtores do espaço urbano. Além disso, tais fontes também ajudam a problematizar os impactos e as contradições de uma intensa transformação social e a compreender como as sensibilidades foram sendo educadas para e por uma cidade que se desejava higiênica e inodora.

**Palavras-chave** cidade – higiene – água – ar – circulação.

**ABSTRACT** *This paper aims to problematize aspects that have crossed the reordering of urban spaces at the turn of the 19th century to the 20th. For this, having Belo Horizonte as a reference, enumerates questions that were in the discussions related to the construction of a city that was projected as a model. Throughout the chronicles written by the architect Alfredo Camarate it is possible to arrive at conceptions of the city that guided those involved with the construction of the city. These pieces of art treats about issues such as quantity and quality of the water and the air, outlining the choices and the repertoires of those considered producers of the urban space. Besides this, the chronicles also help to problematize the impacts and the contradictions of an intense social transformation and to comprehend how the sensitivities were being educated to and by a city that was wanted hygienic and odorless.*

**Keywords** *city – hygiene – water – air – circulation.*

## Introdução: um arraial transformado em cidade-capital

Por volta de 1900, mundo em transformação: a luz elétrica, o bonde, o vapor. “*Perfuraram o Istmo de Suez, construíram a torre Eiffel, inventaram o fonógrafo e descobriram injeções de creosoto na traqueia para a cura ou paralisação da tuberculose*”.<sup>1</sup> Aqui e ali desabavam prédios, alargavam-se ruas, construíam cidades. Uma destas, Belo Horizonte, cidade planejada, inspirada em modelos europeus, que se pretendia uma verdadeira metrópole. A ideia da construção de uma nova capital para Minas Gerais era debatida desde os acontecimentos da Inconfidência Mineira, questão retomada após a Proclamação da República. Em 1891, foi aprovado o projeto que previa a instalação de uma comissão para o estudo das possíveis localidades para sediar a capital, definindo-se para tal o arraial de Belo Horizonte, antigo Curral d’El Rey.<sup>2</sup>

A imprensa, nesse período, mobilizava-se para divulgar o início da construção da nova capital. No Minas Gerais, oficial do Estado, foram constantes as publicações, no ano de 1893, de relatórios sobre a escolha da localidade que abrigaria a nova capital. Essas informações indicam a circulação de notícias sobre a construção, atraindo muitos para a futura cidade. Uns foram com régua e compasso na mão, querendo traçar os primeiros planos da bela cidade. Outros vinham cheios de ideias e diplomas para conduzir a construção.

Para tal intento, organizou-se a Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), instalada no arraial de Belo Horizonte, em 1894. Letícia Julião nos diz sobre o repertório estrangeiro mobilizado pelos membros da CCNC, “*que se apoiou em conhecimentos e experiências que haviam sido desenvolvidas na Europa, ao longo do século XIX, e que se difundiam para os países periféricos, geralmente em forma de clichês*”.<sup>3</sup> Outros sujeitos, claro, chegavam com colher de pedreiro e enxada, com disposição para assentar tijolo por tijolo da futura cidade.<sup>4</sup>

Um dos sujeitos atraídos pela construção de Belo Horizonte foi Alfredo Camarate. Carregava tinta e papel debaixo do braço e também uma máquina de escrever. Tinha régua e compasso, tinha pincel e partitura, tinha também passaporte e experiência de cidadão do mundo. Chegou ao arraial de Belo Horizonte em 1894<sup>5</sup> e em uma carta,<sup>6</sup> dirigida ao Engenheiro Chefe da Comissão Construtora Aarão Reis, colocava-se à disposição dessa comissão, oferecendo seus serviços. Ocupou-se, durante todo um ano, em narrar sua experiência em uma cidade em construção. Escrevia e publicava, geralmente duas vezes na semana, no jornal oficial do Estado, suas impressões sobre os habitantes e o pequeno arraial Belo Horizonte.

É preciso ressaltar que uma expressiva produção historiográfica, nas últimas décadas, privilegiou como temática a construção de Belo Horizonte, ressaltando essa iniciativa como uma tentativa de inserção do Estado numa ordem caracterizada pelo progresso, pela modernidade e pela civilização. Tais pesquisas abordaram aspectos relativos às concepções urbanísticas que guiaram o projeto da cidade, destacando-se a inspiração em outros modelos considerados símbolos da modernidade, discutindo, especialmente, as tentativas de racionalização do espaço urbano embasadas em teorias higienistas e sanitárias em destaque naquele momento histórico. Como observa Veiga, a transformação simbólica de um pequeno arraial em uma cidade-capital “*É expressão de uma nova concepção do social, do cultural e da importância da ciência que emerge em confronto com práticas tradicionais de se pensar a relação dos indivíduos com a cidade*”.<sup>7</sup> É nessa perspectiva que uma cidade foi sendo, pouco a pouco, imaginada, rascunhada, tornando-se objeto da mensuração. Mas não apenas em uma dimensão físico-espacial. Projetava-se também uma intervenção que impactasse e transformasse as sensibilidades. Ao se forjar uma cidade, aqueles responsáveis por tal intento perspectivavam a constituição de uma sensibilidade urbana, buscando, com isso, intervir na rusticidade dos hábitos e dos comportamentos próprios dos habitantes do antigo arraial Curral d’El Rey.

Observar as intensas transformações desse espaço que se queria urbano não é tarefa fácil para o historiador. Podemos dizer dessas transformações, decorridas da construção de Belo Horizonte, a partir de algumas lentes. O material técnico produzido pela CCNC constituído por relatórios, plantas, desenhos etc, nos dá indícios dos processos de racionalização que conduziram tal trabalho. Porém, pouco revelam das escolhas, das contradições e principalmente dos impactos sofridos na transformação do espaço urbano. Para analisar a complexidade de uma cena urbana em

conformação, recorremos à produção jornalístico-literária de Alfredo Camarate. Português, nascido em Lisboa, em 1840, Alfredo Camarate chegou ao Brasil aos 32 anos de idade. Ainda na Europa, formou-se na Inglaterra em arquitetura, estudando música e crítica da arte.<sup>8</sup> Desenvolveu um olhar interessado e sensível por diferentes espaços e sujeitos, ao percorrer muitas cidades na Europa e na África. No Rio de Janeiro, foi inspetor do Conservatório Imperial Musical, bem como cronista do *Jornal do Comércio*.

Podemos distinguir algumas facetas desse sujeito: o artista e estudioso de arte, o viajante, o cronista, o engenheiro/arquiteto. Vir a Belo Horizonte, estabelecer-se nesse local impactado por intensas mudanças no espaço físico e social poderia corresponder a várias expectativas de Alfredo Camarate. A experiência como cronista foi registrada na série *Por Montes e Valles*, publicada no jornal *Minas Geraes*, ao longo de 1894, primeiro ano de construção da futura capital Belo Horizonte.

Na experiência de uma cidade em construção, é possível identificar diferentes olhares que Alfredo Camarate lança sobre ela: olhar de arquiteto, olhar de artista, olhar de cronista. Esses olhares nos aproximam desse espaço em transformação. O primeiro se traduz em um olhar mais racionalista, influenciado por sua formação técnica, de especialista, encantado com o planejamento. Descreve uma paisagem de uma cidade em construção:

*Por todas as ruas, travessas e largos, por todas as picadas e veredas, o solo já está crivado de estacas, enterradas com a cabeça á flor da terra e com o seu prégo cravado e a sua testemunha encostada junto aos muros ou á beira de viçosos valados; todas as horas e por todos os montes e valles das circunvisinhanças, os engenheiros, manuseando o nivel, o theodolito ou o transito, conductores e auxiliares, tudo n'uma faina de quem quer chegar depressa, e sempre com a convicção de que não chegarão tão depressa quanto o dr. Aarão Reis desejaria.*<sup>9</sup>

Educado por outros lugares, pela arquitetura de outras cidades, pelas multidões que as habitavam, pelos elementos que as compuseram, seu olhar, nesse arraial, foi de estranhamento, captando, principalmente, o que lhe era incomum. Naquela paisagem em transformação, suas crônicas parecem ressaltar, sobretudo, o olhar do engenheiro e arquiteto. Nesses escritos, Alfredo Camarate acaba por exercer também a função de artífice e construtor da cidade. Projeta, tomando como modelo, exemplos e contraexemplos outros centros urbanos. Suas crônicas produzem um “diagnóstico” do arraial e de seus habitantes. A partir dessa avaliação, Camarate pôde definir o que tornaria a cidade de Belo Horizonte verdadeiramente moderna.

A incorporação de determinados elementos, como a estrada e a estação de ferro, marcaria outro tempo na vida dos habitantes de Belo Horizonte. Nas palavras do cronista, “O silvo da locomotiva será o signal de uma vida absolutamente nova para Bello Horisonte e a estrada, que ligar a zona da nova capital com os trilhos da Estrada de Ferro Central do Brazil, marcará uma éra inteiramente nova para aqui”.<sup>10</sup> As estações parecem ser um componente fundamental na escrita do cronista, também viajante e arquiteto. São singulares as descrições dos projetos e dos planos das estações que seriam construídas para a nova capital, dentre essas a da Estação General Carneiro, projetada pelo arquiteto José de Magalhães. Sobre esta, Camarate comentava em crônica que “Questões de interesse particular levaram-me ao local, em que se vai levantar a estação do entroncamento, onde se devem ligar as linhas de trilhos do ramal de Bello Horizonte às da Estrada de Ferro Central do Brasil”.<sup>11</sup> Tais questões particulares, ou seja, que não tinham apenas o interesse de colher informações e divulgá-las na esfera pública, através de crônicas jornalísticas, são explicadas ao final da crônica. O texto tratava da abertura do concurso para a escolha do empreiteiro da construção da estação e a firma vencedora... “O proponente acceito é a firma commercial Edwards, Soucasaux e Camarate”.<sup>12</sup>

Tais crônicas, escritas sob o pseudônimo Alfredo Riancho, não falam apenas desse arraial-cidade. Ele projetou, idealizou, previu e ensinou como seria a futura capital, tomando Paris, Londres e Rio de Janeiro como exemplos legitimadores, tanto da sua narrativa – já que esteve nesses locais –, quanto do modelo de cidade. Também comentava, comparava, apresentava as escolhas feitas por aqueles produtores do espaço urbano. Traduzia, em crônica, os projetos, os desenhos técnicos e os cálculos que guiavam a Comissão Construtora da Nova Capital e, por isso, torna-se fonte

privilegiada para se investigar as concepções e o repertório técnico mobilizado por aqueles envolvidos com a produção do espaço urbano na virada de século.

## Olhar a cidade na planta, erguê-la na imaginação e na escrita:

O cronista da capital chegou ao arraial ainda nos primeiros dias da construção da cidade. Para dizer melhor, essa construção ainda se dava nas mentes, nos pensamentos daqueles que a planejavam. Alfredo Camarate viu a cidade se erguendo, primeiramente, nos traços, nos desenhos, nas perspectivas saídas da imaginação e das mãos dos engenheiros, arquitetos e desenhistas. Uma cidade preexiste antes da sua existência material. Está ali, esboçada, riscada, detalhada, medida. Seus prédios passam a ocupar determinados locais na planta. Já se compõem espaços, para isso, para aquilo. Definem-se estilos, tamanhos, materiais. A cidade está sonhada. O cronista conseguiu decifrar e ler esses planos porque estava perto de sujeitos e espaços nos quais esses sonhos eram imaginados. Frequentava gabinetes, olhava para as plantas: “Vivo aqui, com quasi todos os engenheiros da comissão constructora da nova capital de Minas, e o que sei não indago, o que ouço não pergunto; nem no meio desta febril actividade dos trabalhos iniciaes, ha recursos para descobrir ideias futuras, ou planos que ainda devem estar nebulosos e indecisos, na mente dos planejadores”.<sup>13</sup>

Apesar dessa descrição do cronista, que nada indagava diretamente àqueles que tinham a cidade na mente, Alfredo Camarate conseguiu prever o que esses sujeitos elaboraram para a construção da cidade. Havia um ideal de cidade que perpassava os planos de reordenação do urbano, postos em execução ao longo do século XIX e que, sem dúvida, guiavam os traçados desses produtores do espaço.

86

O olhar técnico que portaria esses especialistas do urbano – engenheiros, arquitetos, médicos, sanitaristas – tornava-os aptos a reconhecer “problemas” do espaço. Como nos lembra Giovanaz, esses ditos problemas do urbano são detectáveis pela observação desses técnicos e ganham relevância pela legitimidade dos discursos e das suas ações, considerados mais aptos na intervenção do urbano. Nas palavras da autora, “... o olhar do saber urbano inventa os problemas urbanos”.<sup>14</sup> Esse mesmo olhar que cria/detecta o problema será também lançado sobre o espaço para encontrar soluções, planejar, tomar medidas. As tarefas destinadas a esses técnicos, naquele momento de grandes intervenções nos espaços urbanos, eram muitas e calcadas nas expectativas de funcionalizar, descongestionar, sanear, enfim, modernizar. Esses especialistas e o poder público, que concebiam a cidade como um conjunto, lançavam sobre ela um olhar eminentemente racional, enxergavam a urbe “como um mecanismo que deve ser regulado tal qual um relógio, ou seja, projeta uma imagem de funcionalidade”.<sup>15</sup>

A respeito de Belo Horizonte, não podemos dizer propriamente de uma “cidade problema” que necessitava de um olhar que identificasse dificuldades e propusesse soluções. A cidade problema era a antiga Ouro Preto, que comportava todos os empecilhos de uma cidade-capital: dificuldades na circulação, arruamentos desordenados, problemas no abastecimento de água e no escoamento dos esgotos, topografia acidentada, entre outros. Sobre o pequeno arraial, facilmente uma nova cidade poderia se erguer, sem enfrentar muitas barreiras na sua edificação. Belo Horizonte surgiu, principalmente, como uma cidade desejada e sonhada, projetada para o futuro. A cidade-arraial, do passado, não precisava ser saneada, remodelada, reordenada. Ela precisaria ser projetada, traçada, riscada, sobreposta. Encontrar esses projetos, tanto nos desenhos técnicos, plantas, perspectivas assinadas por engenheiros e arquitetos da Comissão Construtora da Nova Capital, quanto nas crônicas assinadas por Alfredo Camarate, permite-nos acessar uma cidade do futuro – próximo e/ou distante. Oferece-nos, também, representações imagéticas e literárias da cidade a ser edificada.

Neste sentido, poderíamos escolher diferentes elementos presentes na escrita das crônicas que revelam a complexidade que atravessava a construção de uma cidade ideal. Dentre esses, o tema da água e do ar, suas qualidades e quantidades, a necessidade de mensuração e o controle, expunham preocupações relativas à salubridade, à higiene e ao abastecimento. Tais crônicas revelam, portanto, interesses, desejos e perspectivas dos membros da CCNC e a forma

como estes mobilizavam o saber técnico, científico e médico para projetar uma cidade subterrânea, com abastecimento regular de água e, sobretudo, uma *urbe* afastada da contaminação, das águas estagnadas, dos maus odores. São estes elementos, argumentos e discursos que colocaremos em evidência, a partir das crônicas, pontuando também como foi sendo constituído nos primeiros anos que decorrem da inauguração da cidade, um aparato legal que também perspectivava a conformação de uma capital salubre.

## A cidade e os corpos d` água: qualidade e abastecimento

Cidade, água, ar, corpo e movimento.<sup>16</sup> Múltiplas interpretações somam-se à história dessa associação. De constituinte dos corpos e essência da vida, a água também se encarrega do esgoto, a conduzir aquilo que é desprezado pelo homem. “(...) a água se presta aos mais íntimos e desclassificados serviços e, ao mesmo tempo, aos mais abençoados e higiênicos atos”.<sup>17</sup> Os discursos sobre as águas também variam entre a presença e a ausência, sua escassez ou abundância. Por vezes, torna-se indesejada, revela o malsão. Por vezes, é sinônimo de saúde, de vida. Houve uma variedade de gestos relacionados à água que expressaram disputas e discursos, sobretudo técnicos, que engendraram a presença da água em uma cidade em construção. Presença racional, calculada, prevista, prescrita. Queremos perceber como esse trabalho sobre a água em uma cidade em construção poderia resvalar na constituição de uma sensibilidade, imprimindo sobre os corpos uma (auto)imagem urbana e higiênica.

Alfredo Camarate irá dedicar algumas crônicas a essa discussão: “Consta-me que o dr. César de Campos já entregou, ao chefe da Comissão Constructora da Nova Capital de Minas, os estudos definitivos para o seu abastecimento de agua potavel”. Na “humilde opinião de profano em todas as sciencias” do arquiteto Alfredo Camarate:

*é o fornecimento das aguas potaveis, à uma população, o mais complexo e importante problema da engenharia moderna e aquella que, apesar dos profundos estudos que se tem feito, sobre as propriedades químicas e hygienicas das aguas, em França e sobretudo na Inglaterra, ainda está longe de resolver-se; tanto é certo que a sciencia hydrologica, tão util ao bem-estar das populações, ainda caminha, infelizmente, nos seus primeiros e incertos passos.*<sup>18</sup>

87

As conquistas da química apontadas na escrita do cronista identificam no fluido os elementos que a compõem: “Todos sabem que as aguas encerram naturalmente os elementos soluveis dos terrenos que atravessam e, nestas condições, pódem conter compostos numerosissimos”. A análise da água ultrapassa a percepção dos sentidos, ganha um olhar microscópico, identificam-se os componentes: “Nas aguas destinadas aos usos da vida, encontra-se sempre, em quantidades bastante notaveis: aluminio, ferro, cal, magnesia, soda, potassa, ammoniaco, acidos silicico, sulfurico, chloridrico, phosphorico, azotico e carbonico”. A sua composição química interfere na sua qualidade e nas suas propriedades, e também denuncia aspectos não favoráveis às suas “qualidades higiênicas”:

*Algumas ha, em que se encontra tambem vestigios de bromio, de iodo e de outras substancias, que devem exercer acção importante nas qualidades hygienicas da agua; não esquecendo que, além das materias mineraes citadas acima, ha quasi que constantemente e em proporções mais ou menos consideraveis, materias organicas de composição e propriedade muito variaveis; mas cuja influencia sobre as aguas é sempre muito desagradável.*<sup>19</sup>

Apesar desse saber químico mobilizado para a qualificação da água, Alfredo Camarate defendeu outro método de inquirir sobre a questão: “Não se conhece ainda, de maneira precisa, o modo de acção sobre a economia animal de cada uma das substancias isoladas ou misturadas, que se encontra nas aguas potaveis. Conhece-se, é verdade, a composição chimica de grande numero dellas; mas ainda hoje o processo do inquerito é o aconselhado como o mais

eficaz”. Nesse inquérito os sentidos são mobilizados para a apreciação: “Como analyse ou, antes, como elementos para o inquerito tão recommendado por Pignan, por Magon e por outros que tratam da materia, o dr. Cezar de Campos limitou-se a verificar se as aguas que captou possuíam as propriedades de dissolver o sabão, de cozer o feijão e de serem agradáveis ao paladar”. Sobre essa avaliação Camarate comenta: “São tres chapas populares para o conhecimento da agua de que nos servimos: mas os tres elementos mais importantes, se não os mais certos, para que possamos dizer si uma agua serve ou não para todos os usos domesticos”.<sup>20</sup> As chapas químicas são transformadas em “chapas populares”, estas mais seguras para se avaliar o uso da água para fins de consumo imediato.

Camarate constrói sua narrativa sobre a qualidade das águas oscilando entre a percepção sensorial e os saberes da química. Não deixa de pontuar tensões que, naquele momento, permeavam discursos ou teorias ainda em processos de conformação. Parece conciliar, na escrita, uma análise empírica ou sensualista e outra apoiada na identificação de elementos que compunham a água. Estas disputavam espaço na análise higiênica do meio, do ar e da água:

*No ponto que está a questão sobre a potabilidade das aguas, a opinião dos consumidores ainda é o elemento mais digno de atenção; porque a sciencia chimica, no seu caminhar vertiginoso e portanto no seu tactear constante, transforma e modifica opiniões, de anno para anno e, por muito pouco que sejamos versados no manuzear da retorta, sabemos que a agua que contivesse menos materias em dissolucção era a recommenda, pelos auctores outrora, como a melhor para a alimentação do homem e sabemos hoje que, si as aguas demasiadamente carregadas são sempre más, as chimicamente puras não seriam melhores tanto para o homem, como para todos animaes da creação!<sup>21</sup>*

No cotidiano, os saberes da química e da experiência sensível se somam: “Contesta-se igualmente, hoje, que a falta de iodo e o excesso de magnesia sejam factores do **bossio**, n’estas circunstancias, o povo, esquivando-se às nobres e louvaveis tropicadellas da sciencia, vai escolhendo e regeitando, de modo proprio, as aguas que lhe convem”.<sup>22</sup>

88

Além da qualidade da água, a quantidade entra em pauta nas discussões da CCNC. A cidade moderna, planejada, deveria ser reconhecida pelo movimento e não pelo estagnado, pela abundância e não pela escassez: “Estudada a qualidade das aguas, que deviam abastecer a nova Capital “Minas”, o dr. Cesar de Campos estudou, com igual zelo e probidade, a quantidade que póde entrar no seu abastecimento”. O arraial passava por um período de estiagem, “no dizer dos habitantes de Bello Horizonte, é uma secca sem exemplo” e “sobre este minimo eventual de fornecimento, calculou ainda, pela minima do minimo e achou a proporção de tresentos litros por cabeça; proporção que se póde sustentar até larguissimas epocas, pelo fornecimento de novos corregos captaveis; mesmo quando a população chegasse a 800.000 almas ou mesmo a um milhão de habitantes!”.<sup>23</sup> Comparando-se com o fornecimento de água em outras cidades, Belo Horizonte se fazia notar. Camarate elencava algumas cidades e buscava comparações: à parte estava Roma “que ainda actualmente póde fornecer agua aos seus habitantes, à razão de mil litros por cabeça”. Dijon que “fornecia aos seus habitantes a razão de quatrocentos litros por cabeça; mas que, na estação calmosa, reduz esse fornecimento a duzentos e quarenta litros” e Carcassonne “que tem um abastecimento constante de quatrocentos litros por habitante” também se destacavam. Contudo, essas cidades não poderiam ser comparadas à futura capital de Minas Gerais, que pretendia ser um dos grandes centros populosos: “Já vêem os mineiros que a sua futura capital, depois da excepcional Roma, figura brilhantemente entre as primeiras; pelo que toca o abastecimento de aguas potaveis (...)”. Alfredo Camarate apresenta os dados relativos aos grandes centros urbanos:

*Londres, com cem litros de agua diarios, por habitante.*

*Paris, com cento e quarenta litros.*

*Nova York, com cento e vinte litros.*

*Bruxellas, com oitenta litros.*

*E em todas as demais cidades, o fornecimento de agua oscilla, entre oitenta e cem litros diarios por habitante.<sup>24</sup>*

O desejo do engenheiro responsável pelo serviço de captação era encontrar água necessária para uma grande população e fazer com que os “**minienses** se banhem tres vezes por dia, apenas com a despesa de sabonête e da lavagem do lençol!”<sup>25</sup> É interessante como se dá esse processo de associação entre a água e a limpeza do corpo. Vigarello<sup>26</sup> mostra como nem sempre essas estiveram associadas. Os cuidados com o corpo, até a metade do século XIX, se concentravam nas suas partes visíveis, como rosto e mãos e na roupa, sobretudo a branca, que expressavam asseio. Apesar do cuidado com a limpeza se fazer para o olhar e para o olfato, as exigências e gestos favoreciam, sobretudo, a aparência. A água, muitas vezes, era vista como ameaça e a toailete “seca”, a mais indicada, consistia na fricção das partes do corpo e na perfumação. Contudo, diante da ameaça das epidemias, as representações em torno da água e do corpo se transformam, fazendo emergir um asseio corporal não mais baseado na proteção por barreiras visíveis e invisíveis – roupa e perfume –, mas no cultivo do organismo, no vigor, no trabalho dos músculos, na circulação plena do sangue, na respiração e na transpiração da pele. Essa nova sensibilidade que emergiu em relação ao corpo higiênico e saudável também criou justificativas para a intervenção no espaço urbano. Promover trocas e acelerar os fluxos, agir e trabalhar sobre o espaço livrando-o da estagnação, da decomposição e da podridão. Com isso, também afastar a cidade do odor fétido, das epidemias e da contaminação.

Identificada e verificada a qualidade e a quantidade da água: “Resta agora canalizal-a e distribuil-a aos consumidores”. Os canos determinam o caminho da água: “Da canalização de taes aguas já cuidou esmeradamente o distinto engenheiro Cezar de Campos, e com grande senso econômico.” Importante pensar sobre as consequências dessa canalização da água e seus efeitos no cotidiano. Apesar de abundante, o consumo da água deveria ser controlado. O método de distribuição da água seria “uma questão de insignificante monta para a engenharia; mas muito interessante para o consumidor.” O cronista-arquiteto comentou sobre duas possibilidades: “Ha dois systemas de distribuição: a distribuição continua e a descontinua.” Sobre o consumidor recaem as penas da distribuição descontínua “que fornece agua só em certas horas do dia, todos clamam, incluindo eu que, em Buenos Aires tinha sempre que andar de relógio em punho, para saber quando me podia lavar e banhar!”. Quanto ao sistema contínuo “há dois meios de fornecer agua, por conta, ao freguez: o da tal **penna d’agua**, que, a todo o momento, fica entupida e o dos contadores de Siemens, de Bastos ou de qualquer outro auctor e que nos faz pagar a agua que gastamos, no fim do mez.” Controlar o tempo de uso da água. Esta não estará mais disponível como elemento da natureza, do qual o homem desfruta a qualquer tempo e espaço. Há uma esperança racionalizadora desse uso: “É uma economia para os hydrophobos sujos e um correctivo para os que querem viver todo o dia dentro d’agua como os patos! Com agua à discreção, nem o oceano chegava para os brasileiros!”<sup>27</sup> Há aí impregnado um tom pedagógico. Novos gestos como abrir e fechar torneiras e canos por onde corre a água são solicitados aos corpos cidadãos. Como bem ressalta Sant’Anna “tal aprendizado, assim como tantos outros, não poderia ocorrer sem a coação de antigos gestos, o adestramento das mãos, do braço e da visão em função de movimentos giratórios cada vez mais associados aos valores de conforto e da economia individualizada da água”.<sup>28</sup>

Falando sobre o projeto de abastecimento de água da futura capital, Alfredo Camarate admirava seu “caracter essencialmente pratico, economico e previdente”. O cronista apresenta aos leitores as escolhas do chefe da CCNC, Aarão Leal de Carvalho Reis, que “entendeu e entendeu muito, que todo o interesse da questão estava em fornecer a agua à Capital, de boa qualidade, em grande quantidade e pelo menor custo que fosse possível”. Essa intenção foi acompanhada de um estudo minucioso dos córregos do arraial, identificando-se as potencialidades, vazões e qualidade da água. “Além dos corregos Serra, Acaba Mundo, Mangabeira e outros, que nascem e correm, na costa septentrional da serra do Curral, em que assenta a localidade e que offereciam captação de boas aguas, em cotas sufficientes, para suprimento da futura cidade, apresentavam-se tambem, ao estudo, os corregos Taquaril, Leitão, Cercadinho, Bom Successo e Posse; afluentes todos da margem direita do Arrudas”.<sup>29</sup> É interessante como a crônica de Alfredo Camarate parece se transformar, por vezes, em um relatório da Comissão. Poderíamos pensar nos sentidos do uso de uma linguagem técnica, minuciosa e atenta à necessidade de mensuração. Camarate faz a opção, apoiado em uma linguagem que traduz um método na concepção do sistema de águas da nova capital, de apresentar classificações, características e as funções de cada corpo d`água escolhido para “inundar” a futura capital:

*O Serra é o que oferecia captação em cota mais elevada e fornecia 25 litros por segundo.*

*O Acaba-mundo dava quinze litros por segundo; servindo portanto para abastecimento de 11.500 habitantes.*

*O Taquaril não resolvia a questão.*

*O Leitão e Bom Sucesso não ofereciam cota suficiente, para desaguar no reservatório do Acaba-mundo.*

*O Posse, que tem uma água excelente, exigia grande extensão e grande diâmetro de tubos.*

*Deu-se preferência, pois, ao Cercadinho, que fornecia 112 litros por segundo; isto é, água para trinta e dois a cinquenta mil habitantes.*

*Taquaril, Posse e Bom Sucesso ficaram reservados para depois e o Leitão ficou também reservado para mais tarde, destinando-se-lhe a missão de fornecer lavanderias e para descarga dos canos de exgotto.*

*O Gentio e Ilha foram destinados para suprir o Acaba-mundo, abaixo da represa de captação e servir para alimentar os grandes lagos do Parque.*

*O Mangabeira é aproveitado para uma grande lavanderia pública.*

*O projeto estabelece que o Serra seja canalizado por tubos de 0,30m que terão 1.233 metros de desenvolvimento e dirigido para um reservatório com a capacidade de 2.000.000 de litros e que será construído num morro situado por detrás do Cruzeiro.*

*O Acaba-mundo será lavado em tubos de 0,30 com 1.392 de desenvolvimento para o seu grande reservatório que se construirá na Encosta do Illydio e que terá capacidade para 18.000.000 de litros.*

*O Cercadinho, que também vai desaguar neste reservatório, será conduzido por uma linha mixta, com 6.212 metros, sendo:*

*3.974 de caixa fechada de alvenaria.*

*138 de caixa aberta.*

*275 de calha em túnel.*

*1.852 de siphão de dupla linha de tubos de ferro, com 0,30m de diâmetro.*

*O túnel deve ser rasgado na Garganta das Pedras; dispondo-se na sua boca inferior, uma cascata para arejar as águas na passagem do túnel para o siphão.<sup>30</sup>*

90

Neste projeto complexo de abastecimento de água, que incluía a captação, a adução, reservação e distribuição da água, Alfredo Camarate pontuava que “nunca se inundou a população de uma cidade, por fóra e por dentro, com tão pouco dinheiro!” O movimento da água estava garantido. Os tubos conduzem a água em velocidade e quantidade constante. Juntando-se à preocupação com o abastecimento, o sistema de esgotamento sanitário da cidade, afastava a ameaça da água estagnada, da putrefação e contaminação.

Este fluxo contínuo e controlado também visava conter a contaminação por elementos lançados in natura nos corpos d`água. Sua crônica não poderia deixar de avaliar a água do arraial: “E, finalmente, em Bello Horizonte, que água tenho eu bebido, santo Deus!” A água do arraial passa de casa em casa, de quintal a quintal, recebendo livremente os líquidos já utilizados e os rejeitos de cada casa:

*Enquanto não consegui encher a minha moringa na fresca e deliciosa nascente, que corre n`um quintal do meu sócio e amigo, que água eu bebi, nascida pelas calhas que alimentam o ex-Curral d`El-Rei e que, servindo para a bebida e despejos do vizinho A; vem correr, com toda a sem cerimônia, para a casa do vizinho B; que a bebe colaborada e fornece depois, com a sua própria colaboração, ao vizinho C e assim por diante.*

*O que terei eu bebido; eu, que naquella alphabeto hydraulico, fico pelas alturas do X ou do Z!<sup>31</sup>*

*No arraial, a visão dos rios e córregos ainda entrecortava a paisagem e o cotidiano rural. O cronista estranhou esse uso coletivo, e o que queria anunciar era a necessidade de um processo de individualização do uso e o controle da qualidade da água. Sua qualificação da água do arraial revelava estranhamento e diferenças de tolerâncias:*



*Diz-se que os sofrimentos e maguas deste mundo são levados em conta dos nossos peccados, no acto de saldar as nossas contas ao entrar na eternidade*

*Que saldo a meu favor devo eu levar, á presença do Supremo Julgador; eu que, durante tres mezes consecutivos, comi feijão preto e abobora amarella, arroz de agua e carne de vento e regado e lavado, por dentro e por fóra, com esse liquido amarello, turvo e nauseabundo, que os felizes habitantes do velho arraial intitulavam pomposamente com o nome de agua.*

*Pobre agua! Como te calumniavam!*<sup>32</sup>

Contudo, Camarate também compara, a partir de sua experiência como viajante, a qualidade das águas consumidas pelos habitantes de grandes cidades: “E, entre a água impura e a água pura, eu prefiro a ultima; exatamente pela razão de ser raríssima”. Sobre a qualidade da água, comentou, utilizando o paladar como guia:

*Em Paris, bebia sempre a agua de groseille ou com qualquer outra droga colorante, para lhe esconder o desagradavel aspecto.*

*Em Londres, capital em que o sol se parece com a lua e a lua com um queijo fresco, a agua parece-se com um liquido ammoniacal, cujo nome conservo nas penumbras do anonymo, para não escandalisar os meus leitores.*

*Em Lisboa, era tanta a quantidade de cal que tinham as aguas, que se podia dizer que os estomagos dos lisboetas andavam tão caiados, como a frontaria dos seus prédios.*<sup>33</sup>

É interessante como o investimento da construção da cidade deveria se dar tanto na arquitetura monumental, que se posta diante dos olhos dos cidadãos, quanto em uma maquinaria invisível: “o luxo edificante das fachadas contra o luxo mais secreto, e, às vezes, mais custoso dos canais ocultos”.<sup>34</sup> A cidade é interligada tanto pelas ruas e avenidas quanto por uma rede capilar, camuflada, invisível, que conduz a água potável e escoar, evacua o lixo e o esgoto da cidade. O trabalho do engenheiro é solicitado: “o desafio se torna aquele do cálculo dos níveis, o da velocidade nas canalizações ou o da flexibilidade nos entroncamentos”.<sup>35</sup>

91

## Ar e ventilação: avenidas, calçamentos e desodorização

Alfredo Camarate, ao se apresentar na escrita como um dos produtores e planejadores do espaço urbano, sugeriu como deveria ser o traçado das ruas, avenidas e o alinhamento das construções, tudo isso adequado a uma concepção de cidade:

*Parece apenas que as ligeiras ondulações que tem o terreno se prestarão a bons effeitos de agrupamento dos edificios, e sobre tudo a deliciosos pontos de vista, e que a localidade se presta a delinear avenidas de alguns kilometros de extensão e às quaes se poderá dar a largura de sessenta metros; que a média do declive, da maior parte das ruas, regulará por tres ou quatro por cento, um declive famoso, para o transitto, para o esgotamento das aguas pluviaes e para o serviço do esgoto, e que algumas ruas talvez 10% de declive, mas que serão poucas e as necessarias para os moradores, que consideram as subidas moderadas como altamente vantajosas para a actividade e funções do estomago e para aquelles que, por natural vaidade, gostam de olhar sempre para o proximo, de cima para baixo!*<sup>36</sup>

Largas avenidas, ordenamento das construções, preocupação com o trânsito e com a higiene estavam na base dos planos; formavam um alicerce, imprescindível à construção da cidade. As ruas seriam um dos principais elementos que ocupavam os planos dos engenheiros, já que a rua “apresenta-se como espaço por excelência da cir-

culação, do tráfego de homens e mercadorias, e, enquanto palco privilegiado para a observação, é sobretudo nela que se tornam públicas e visíveis as transformações na topografia da cidade”.<sup>37</sup> O traçado das ruas, que risca a paisagem da natureza, é capaz de informar sobre os sentidos da ação humana e de seus interesses. Também é a rua “expressão física e simbólica do poder da imaginação e da vontade transformadora”; ela exerce a “função de representar a própria cidade e a sociedade que nela se estrutura, a rua passa a ser vista como um poderoso instrumento para uma pedagogia civilizatória da população”.<sup>38</sup>

O retilíneo das ruas apresentado na planta da cidade, a uniformidade na disposição e nas medidas de cada componente do espaço urbano, a proporcionalidade entre diferentes aspectos como declives, largura, altura e comprimento das edificações e, principalmente, a visibilidade como capacidade de tornar visível o planejamento e a concepção de cidade como “espetáculo simbolizador de uma nova sociedade em edificação”,<sup>39</sup> informam-nos sobre uma nova educação dirigida ao olhar. Este deveria se acostumar com a nova ordenação do espaço e incorporar tais elementos também à sua forma de ver. Mas também revela uma obsessão pela circulação e movimento da água e do ar. O tema da circulação desses elementos compunha as regulamentações, decretos e posturas que foram sendo conformados nos primeiros anos, após a inauguração da nova capital. Esboçava-se uma estratégia de controle que também incorporava um discurso técnico, urbanístico, médico e higienista. Neste caso, forjava-se uma sensibilidade orientada para um rebaixamento dos limites de tolerância em relação aos odores.

A mensuração olfativa pareceu ser uma preocupação nos primeiros anos da cidade. Detectar os fedores e proceder a uma qualificação das emanações é uma tarefa essencial para a desodorização do espaço. Uma apreensão com o lixo, com as águas servidas, com os animais soltos pelas ruas, com matadouros e cemitérios foi revelada na legislação organizada nos primeiros anos da cidade. Configurava-se quase uma obsessão higiênica, que embasava prescrições, recaídas sobre os espaços e corpos que, por sua vez, deveriam, pouco a pouco, serem desacostumados aos cheiros nauseantes, maus cheiros, miasmas, exalados e identificados aos espaços “degenerados”. A cidade moderna comporta outros odores.

92

Os discursos repetitivos e reincidentes dos decretos sanitários carregavam o tom prescritivo que tinha por fim uma luta contra os odores nauseabundos. Esgotar os fios de águas servidas que corriam sobre os calçamentos, proibir que se depositassem nas ruas uma multiplicidade de matérias e líquidos faziam parte dessa estratégia. Como ressalta Corbin, havia uma estratégia sanitária implantada na cidade que não se modelava mais em caráter episódico de ataque às epidemias. Havia uma vigilância diuturna sobre ruas, passeios e calçamentos: “‘a invenção da questão urbana’, o triunfo da concepção funcional da cidade máquina’ incitam a uma ‘toalette topográfica’, indissociável da ‘toalette social’, que a limpeza de ruas e a instalação dos locais de confinamento atestam”.<sup>40</sup>

Manter a cidade limpa significa não tanto lavá-la, mas drenar, impedir a estagnação da água e assegurar seu escoamento. A preocupação com a água resvala também em uma representação da cidade drenada: “Secar uma cidade através da drenagem significa desativar a estagnação pútrida genealógica, preservar o futuro desta cidade, garantir, através da técnica, a regulação que a natureza sozinha não poderia operar nesses locais de amontoamento artificial”.<sup>41</sup> Nessa substância estagnada poderia estar diluído tudo o que causa contaminação e mau cheiro. O essencial é criar condições técnicas para evacuar e escoar a imundice, bem sinalizadas nas posturas municipais: “Art. 39. Os terrenos húmidos ou alagadiços, antes de serem edificados ou mesmo cercados por muros, serão drenados convenientemente, segundo indicações dadas pela Directoria de Obras da Prefeitura. Os drenos escoarão pelas galerias ou canaes, segundo as mesmas indicações, que determinarão as medidas a executar em casos especiaes, attendendo aos preceitos de hygiene e à solidez das construccões”.<sup>42</sup>

Os mais diferentes temas foram alvo desse desejo regulatório. Outro elemento que também aparece constantemente referenciado na legislação, ressaltado por Corbin como elemento do “eixo da estratégia higienista”, é a ventilação. “O fluxo que se deve controlar, antes de mais nada, é o do ar. Mais ainda do que drenar a imundície, é assegurar a circulação do fluido aéreo, o que melhor corresponde ao medo da estagnação e da fixidez, associadas à frieza e ao silêncio do túmulo”.<sup>43</sup> A promoção da ventilação foi pensada por alguns aeristas franceses dos séculos XVIII e XIX tendo

como função restaurar a qualidade antisséptica do ar. O movimento teria como objetivo purificar e desodorizar. Alguns químicos passaram a medir, por meio do olfato, a relação que se estabelece entre o tempo necessário para se obter uma total desodorização e o volume de ar introduzido em um ambiente.<sup>44</sup> Em Belo Horizonte, era regulamentado que os “edifícios para theatros” deveriam ter dimensões “proporcionaes ao numero de espectadores, de modo que cada um destes disponha pelo menos de 50 metros cúbicos de ar renovado por hora”.<sup>45</sup> Outras orientações para a construção de salas de espetáculos indicam essa obsessão pela circulação de ar:

*Art. 17. A ventilação natural deve ser directa e nunca feita atravez de corredores.*

*Art. 18. Além da ventilação natural, devem-se ter em consideração os processos de ventilação artificial, que deverão ser applicados aos edificios dos theatros.*

*Art. 19. Dos diferentes processos de ventilação artificial o que merece preferencia é o de insufflações mechanicas.*

*Art. 20. O ar introduzido artificialmente nos salões deve ser puro e dirigido de modo que a velocidade da corrente aérea não incommode os espectadores.*

*Art. 21. É indispensável que todas as portas sejam de abrir de dentro para fora.*

*Art. 23. O theatro deve ser todo lavado de 15 em 15 dias com uma solução desinfectante.*<sup>46</sup>

Também é revelador como essa necessidade de garantir a ventilação mobilizou o debate sobre o emprego de diferentes máquinas e objetos – como os ventiladores, leques, moinhos, portas – que proporcionassem a corrente de ar. Ganhavam destaque nesse período aparelhos mecânicos e outros instrumentos que permitissem a introdução artificial de ar para garantir a circulação. O ventilador garantiria um fluxo constante, regulável, permanentemente medido, indispensável para a eliminação dos odores individuais.

O trabalho de promover a ventilação da cidade foi completado, como apresenta Corbin, pela tentativa de “desamontoar” pessoas, exercer um controle sobre as emanações pessoais, impor um policiamento sanitário e normas reguladoras. Convicções urbanísticas no período das luzes apresentavam uma cidade ideal e, principalmente, uma cidade inodora. A cidade saudável, difundida nos discursos, “será construída em uma encosta; a ausência de muralhas altas permitirá ao vento ‘varrer vapores e exalações’; as profissões responsáveis pelos maus cheiros (curtidores, pisoeiros, tintureiros) serão rechaçadas para fora dos muros, bem como os cemitérios, hospitais e açougues. As manufaturas serão instaladas nos arrabaldes; ruas largas e vastas praças semeadas de fontes de água facilitarão a circulação do ar”.<sup>47</sup> Desta concepção de cidade, encontramos vestígios na construção de Belo Horizonte que deveria ser higiênica, asséptica e inodora.

Um dos imperativos da higiene desodorizante foi a tentativa de impedir o contato entre o espaço aéreo e as emanações provenientes da terra. Impedir as emanações e fedores do solo e a sua impregnação são cuidados permanentes, que ganharam reforços com a pavimentação. Engenheiros e higienistas, aliados aos calceteiros. Como estabelecer uma barreira visível que impedisse emanações invisíveis providas da terra de impregnarem o ar? O calçamento das ruas torna-se uma ciência, uma arte: agradam o olhar, facilitam a circulação da água, isolam a sujeira do solo.<sup>48</sup>

Alfredo Camarate falou dessa arte de recobrir o solo: “Os calceteiros de Paris chamam à pedra excessivamente dura **pedra pif**, **pedra paf**, àquella, cuja densidade e dureza a tornam propria para o calçamento e **pedra puf** aquella que se transforma, ao mais pequeno choque da ferramenta”.<sup>49</sup> Começando com exemplos e classificações parisienses, cidade impermeabilizada, a cidade de Minas deveria passar pelo mesmo processo: “pois senhores, não conheço região no mundo tão abundante dos **pifs**, de **pafs** e de **pufs**, como aquella em que vai se assentar a nova Capital de Minas!”. A questão se impõe: “Qual é o melhor *systema* de calçamento, para uma cidade populosa?”. O cronista comentou: “eis uma resposta difficil de dar; apesar dos notaveis e importantes progressos, que o calçamento tem feito na segunda metade deste seculo”. Os debates em torno do calçamento dificultavam a decisão sobre o tipo de revestimento mais

adequado à nova cidade: tipos, formatos e dureza da pedra. Tipos de materiais, formas de assentamento e técnicas de impermeabilização são analisados pelo cronista e pela CCNC. A experiência do viajante-caminhante permitia-lhe, mais uma vez, inferir sobre os calçamentos:

*Não me enfiarei a dentro, pela sciencia dos calçamentos, que pertence aos engenheiros, que são sempre nimiamente zelosos, pelos seus engenhos e engenhócas; mas direi apenas, pelo muito que tenho gasto solas em cidades calçadas e mesmo com vaidades de serem muito bem calçadas, que o systema de paralelepipedos de granito se me affigura o melhor; si se attender a todos os preceitos que exigem a fôrma e a camada da areia, sobre a qual tem de repousar as pedras do calçamento.*<sup>50</sup>

O assentamento dos paralelepípedos de granito exigia cuidados, uma técnica, uma garantia de uma barreira física para as emanções da terra. A areia, sua compressão e superposição aumentariam a barreira e a proteção do ar: “dizem os mestres que a areia é tudo no calçamento; atendendo que reparte com mais uniformidade e pressão exercida sobre a pedra; dando-lhe mais segurança, visto que a sua semi-fluidade lhe permite preencher os espaços e interstícios, que ficam entre os paralelepipedos”.<sup>51</sup> Interstícios, frestas do solo provocaram a desconfiança dos higienistas: por estas escapavam os miasmas, emanções, fedores. A colocação dos calçamentos deveria ser criteriosa e as fendas, como uma ameaça que acumulava a lama, a sujeira, partículas contaminadas deveriam ser banidas. As partículas de areia ocupariam esse lugar, preenchendo os espaços vazios, regularizando o solo e promovendo a impermeabilização.

O calçamento favorecia, além de uma homogeneidade da paisagem visual, a manutenção e a promoção da higiene; favorecia a lavagem e o escoamento da água, impedia a estagnação e a impregnação do solo. Exigia uma educação dos corpos, coibindo o depósito de materiais. As águas já usadas na lavagem de roupas, de painéis e da casa, que antes corriam livremente pela terra e logo sumiam infiltrando-se no solo, eram agora visíveis, denunciando, pelo rastro que deixavam, sua proveniência. Nada poderia sobrepor-se ao calçamento, este deveria estar livre para o trânsito de pessoas e mercadorias.

94

A desodorização da cidade acompanhou distintas frentes. O sonho da pureza do ar faz aumentar as denúncias dos odores fétidos. A gestão da saúde passa também pelo inventário dos odores nocivos. Essa percepção mais profunda do ambiente olfativo entre médicos, químicos e escritores foi acompanhada por um processo de difusão da ansiedade e da vigilância para com os odores. Pouco a pouco o rebaixamento dos limites de tolerância<sup>52</sup> passa a causar maior repugnância dos odores da cidade, primeiramente dos odores dos cadáveres – expressando uma tentativa de separar o “mundo dos vivos” e o “mundo dos mortos” – e após esses, outros cheiros entram na ilegalidade: lixo, animais, matadouros, excrementos. Passaram a agredir a nova sensibilidade olfativa que se constituía, com o auxílio das justificativas químicas, médicas e científicas.

A preocupação com cadáveres, os corpos mortos e os cheiros por eles exalados provocou também a inquietação de Alfredo Camarate. O cemitério improvisado pela CCNC, “fica n’uma zona que terá forçosamente de ser aterrada e talvez que, por esse motivo o dr. Aarão Reis não entendeu necessario arremetter contra este costume antigo do povo da localidade”.<sup>53</sup> Esse descuido com os mortos foi denunciado pelo cronista.

*Há só uma cousa que me constrange e comove, no meio de toda esta lufa-lufa necessaria, para fazer surgir, do nada, uma capital que deve trazer, desde o nascedouro, todos os resultados beneficos das conquistas deste seculo – é que, de ha dois mezes para cá, vejo enterrarem-se, n’uma cóva que mal daria, em tamanho, para o corpo de um recém-nascido, cadaveres sobre cadaveres; desenterrando-se os craneos dos antigos posseiros, ainda trazendo pedaços de pelle pegados ao osso, e isto acompanhado do nauseabundo cheiro de cadaveres mal curtidos, de profanações (que não são outra cousa) com os craneos rolando pela terra onde todos pizam; essa terra que dá ingresso ao Templo de Christo, que, entre todos os respeitos que prégou, também pregou o respeito pelos mortos!*<sup>54</sup>

“Parece que, em Bello Horizonte, a **lucta pela vida** se prolonga, contínua e emenda, na **lucta pela cóva!**”<sup>55</sup> Cheiro nauseabundo que escapava. A morte ganhou atenção entre especialistas e colocou-se a questão sobre a vigilância olfativa.<sup>56</sup> Os odores dos cadáveres e das carcaças de animais mortos também demandaram a vigilância dos higienistas desde o século XVIII. Nesse momento, emergiu-se a reivindicação da tumba individual, como uma tentativa de controlar os cheiros do cemitério. O regulamento do cemitério da Capital proibia “os enterramentos na valla comum; cada cadáver deve ter sepultura própria”.<sup>57</sup> O argumento da higiene passou a se confundir com o da dignidade e da piedade. O odor dos cadáveres era visto como uma ameaça, por informar a presença de miasmas pútridos. O olfato, sentido vigilante, era mobilizado para detectar os riscos com os procedimentos dos corpos levados à terra.

O odor delimitava espacialmente o risco de infecção. Odor que sugere contaminação. Se no corpo morto fosse identificada a “existência de moléstia infecto-contagiosa” eram acrescentadas outras prescrições ao enterramento, como envolver o corpo em um lençol embenido em soluções desinfetantes, impermeabilização do caixão com alcatrão e a utilização de misturas com cal, carvão, serragem e outras substâncias químicas. A cal, primeiro entre os desinfetantes químicos, passa a ser utilizada, confiando-se no seu poder de desodorização em fossas sépticas e dos cadáveres.

Analisar essas regulamentações, bem como as crônicas escritas por Alfredo Camarate, permite reconhecer um conjunto de concepções e práticas que envolviam a promoção da ventilação, da drenagem da água e o afastamento do lixo, dos excrementos e dos corpos mortos. Diferentes estratégias e discursos foram mobilizados pelo saber científico, médico, higienista e normativo como forma de restituir as qualidades da água e do ar. Mas, além disso, a vigilância olfativa que se estabelecia estimulava a constituição de comportamentos que favoreciam a desodorização dos corpos e espaços e, portanto, garantiam a salubridade daquele espaço urbano em conformação.

## Crônicas para o estudo das transformações do urbano

95

Compreender historicamente uma paisagem em transformação, ou a conformação de um espaço que se desejava urbano, exigiu-nos reconhecer a complexidade do tema e as diferentes formas de enquadramento e abordagens possíveis para a questão. Nosso interesse foi de reconhecer uma concepção de cidade delineada na viragem de século, tomando como referência a construção de uma capital para Minas Gerais. Este tema também pode ser enfrentado a partir de um repertório de fontes bastante diverso. Poderíamos acessá-lo a partir dos registros, sobretudo de caráter técnico, que foram produzidos pela CCNC, e que trazem indícios das concepções de cidade, teorias, interesses e desejos que orientaram os projetos de (re)ordenamento de um arraial que se queria cidade.

Contudo, as crônicas aqui apresentadas foram lentes fundamentais para repor tal complexidade ao tema. Alfredo Camarate sobrepuja e mediava, na construção de sua narrativa, repertórios e discursos técnicos sobre as cidades e a experiência daquele que habita o espaço citadino. As crônicas, reunidas na série *Por Montes e Valles*, não diziam apenas desse arraial-cidade. Partindo da experiência do viajante, elas falam de cidades, expressam o fascínio e o gosto que alguns sujeitos por elas desenvolvem. É perceptível, na narrativa de Alfredo Camarate, as constantes referências aos centros urbanos, a Londres, a Paris, ao Rio de Janeiro e aos modos de vida nesses espaços. A cidade, como uma paisagem que se conhece corporalmente e pelos sentidos, ganha contornos. A partir dessas crônicas, é possível montar uma fisiognomia<sup>58</sup> da cidade moderna. O estudo do cotidiano da Modernidade não pode prescindir do olhar de fisiognomistas que “perseguido rastros e detalhes ‘aparentemente irrelevantes’, desmascaram feições e feitos da Modernidade, inscrevendo-se entre os grandes ‘detetives’ da história”.<sup>59</sup> Nas crônicas, estão lá descritas e assinaladas, em perspectiva comparada, as contradições pelas quais passavam os grandes centros urbanos, impactados pela intervenção de um saber técnico, higienista, orientado pelo discurso da ciência e do progresso.

Por isso, as crônicas são fontes privilegiadas para se perspectivar as experiências em uma cidade em construção ou mesmo em metrópoles, paisagens essas sob o esquadro de engenheiros, arquitetos e outros produtores do espaço urbano. É a partir também das crônicas que conseguimos perceber como sentidos e sensibilidades são impactados e

inauguram-se novas maneiras de estar e sentir o mundo neste processo intenso de transformação. Alargamento de ruas, construção de avenidas, (des)odorização dos corpos e dos espaços, a preocupação com qualidade das águas e do ar, são questões que nos servem de inspiração para problematizar as alterações no espaço físico e sensível de um arraial que se transformava em cidade nos últimos anos do século XIX.

## Notas e referências bibliográficas

**Verona Campos Segantini** é graduada em História pela UFMG e Design de Ambientes pela UEMG. Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG. Professora Adjunta da Escola de Belas Artes/UFMG. Atua no Curso de Graduação em Museologia e no Mestrado profissional em Educação (Promeste/FaE). Realiza pesquisas sobre cidades, educação dos sentidos e sensibilidades, história das coleções e dos museus. E-mail: [veronasegantini@yahoo.com.br](mailto:veronasegantini@yahoo.com.br).

- 1 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles VIII. *Jornal Minas Geraes*, n 94, 8 de abril de 1894, p. 1 e 2. Optamos neste texto por manter a grafia original das fontes apresentadas.
- 2 VEIGA, Cynthia Greive. *Cidadania e educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 347 p.
- 3 JULIÃO, Letícia. *Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1992, p. 54.
- 4 Em uma crônica, Alfredo Camarate escreveu sobre a falta de trabalhadores para a construção de Belo Horizonte. Nela, reafirmava as vantagens do local e fez um chamado aos trabalhadores de outros estados. Achava necessário divulgar a construção da cidade para que ela não “[virasse] uma lenda”. RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XLII. *Jornal Minas Geraes*, n 263, 30 de setembro de 1894, p. 5 e 6.
- 5 Como cronista, dá indícios da circulação de notícias sobre a construção da cidade. “*Como Sabará era apenas um ponto de transição, na longa viagem que projectei, tratei desde logo de arranjar animaes para me levarem a Bello Horizonte; ponto obrigado hoje, para todos os viajantes e local onde pretendia demorar-me algum tempo; visto que, pelas descrições e relatórios que li sobre a localidade era assumpto que me daria para muitos artigos*”. RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles II. *Jornal Minas Geraes*, n 74, 18 de maio de 1894, p.4. Nota-se também que no jornal Minas Gerais, jornal oficial do Estado, foram constantes as publicações, no ano de 1893, de relatórios sobre a escolha da localidade que abrigaria a nova capital.
- 6 Carta ao engenheiro-chefe referente à prestação de serviços. Belo Horizonte. 18 de março de 1894. Notação CCDa 03/001. Museu Histórico Abílio Barreto.
- 7 VEIGA, op.cit, 2002, p. 05.
- 8 As informações biográficas de Alfredo Camarate foram encontradas na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano XXXVI, 1985, que publicou a série *Por Montes e Valles*.
- 9 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XIV. *Minas Geraes*. Ano III, n.120, 6 de maio de 1894, p.2.
- 10 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XVI. *Minas Geraes*. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.
- 11 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XXXII. *Minas Geraes*. Ano III, n.216, 12 de agosto de 1894, p.5.
- 12 Idem, p.6.
- 13 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XVI. *Minas Geraes*. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.
- 14 GIOVANAZ, Marlise. Em busca da cidade ideal: o planejamento urbanístico como objeto da história cultural. In: *Anos 90*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre, UFRS, p. 38-46, 2000. p. 40.
- 15 Idem, p.42.
- 16 Tal questão é abordada por: CORBIN, Alain. *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 367 p. O autor ressalta que “*Desde a descoberta de Harvey, o modelo da circulação sanguínea induz, numa perspectiva organicista, o imperativo do movimento do ar, da água, dos produtos. O contrário do insalubre é o movimento. (...) A virtude dada ao movimento incita às canalizações e à expulsão da imundície; justifica a importância dada à queda d’água das construções*” (p. 122).
- 17 SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910). In: *Projeto História - Corpo e Cultura*. São Paulo: PUC-SP, 2002, n.25, p. 99 a 114. (p. 100).
- 18 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles L. *Minas Geraes*. Ano III, n. 321, p. 2. 29 de novembro de 1894.
- 19 Idem.
- 20 Idem.
- 21 Idem.
- 22 Idem.
- 23 Idem.
- 24 Idem.
- 25 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XXXIX. *Minas Geraes*. Ano III, n. 243, 10 de setembro de 1894, p. 1.

- 26 VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.
- 27 RIANCHO, 29 de novembro, op. cit.
- 28 SANT' ANNA, op.cit., 2002, p. 102
- 29 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles LI. *Minas Geraes*. Ano III, n. 323, 1 de dezembro de 1894, p. 3.
- 30 Idem.
- 31 Idem.
- 32 Idem.
- 33 Idem.
- 34 VIGARELLO, Georges. O Trabalho dos corpos e do espaço. In: *Projeto História*., n13. p.7 a 20. São Paulo: PUC-SP. 1996
- 35 Idem, p. 20.
- 36 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XVI. *Minas Geraes*. Ano III, n.127, 13 de maio de 1894, p.3.
- 37 KROPF, Simone Petraglia. Os construtores da cidade: o discurso dos engenheiros sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e o início do século XX. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n13, p.179-187, 1996. (p. 183).
- 38 Idem, p. 183.
- 39 Idem, p. 184 e185.
- 40 CORBIN, op.cit., 1987, p. 119.
- 41 Idem, p. 122.
- 42 Minas Gerais. Decreto 1211, de 31 de outubro de 1898. *Promulga as posturas da cidade de Minas*.
- 43 CORBIN, op. cit., 1987, p. 125.
- 44 CORBIN, op.cit., 1987, fala dessas experiências em prisões e em sala de escola infectada pelo suor dos alunos e pela sujeira das roupas. Os químicos mostravam, por exemplo, que seriam necessários seis metros cúbicos de ar, por indivíduo e por hora, para fazer desaparecer qualquer cheiro nesses espaços.
- 45 MINAS GERAIS. Decreto n. 1360, de 14 de fevereiro de 1900. *Estabelece o regulamento para theatros*.
- 46 MINAS GERAIS, op. cit., 14 fev. 1900.
- 47 CORBIN, op. cit., 1987, p. 132.
- 48 CORBIN, op. cit., 1987, p. 120.
- 49 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XLIX. *Minas Geraes*. Ano III, n. 315, p. 2. 23 de novembro de 1894.
- 50 Idem.
- 51 Idem.
- 52 CORBIN, op. cit., 1987, p.77.
- 53 RIANCHO, Alfredo. Colaborações/Por Montes e Valles XVIII. *Minas Geraes*. Ano III, n. 137, 23 de maio de 1894, p. 5.
- 54 Idem.
- 55 Idem.
- 56 Podemos também pensar na atenção dada à morte observando as prescrições dirigidas aos hospitais. Como ressalta CORBIN, op.cit., 1987, p.142, para os observadores do século XVIII o hospital reúne a complexidade dos odores pútridos. Suores e catarros dos doentes, sânieas que escorrem das feridas, excrementos, fragrância dos medicamentos, o corpo de um quase cadáver compõem um fedor que se tenta destrinchar e detectar o risco de epidemias. Os hospitais, por essa complexidade, tendem a “se tornar um lugar disciplinar. Os regulamentos se enrijecem.” Inauguram-se as prescrições em torno das trocas de roupas e dos locais específicos para eliminação dos excrementos. “O hospital se torna, por meio desses exemplos premonitórios, o local de aprendizagem de uma higiene individual”.
- 57 MINAS GERAIS. Decreto n.1368, de 5 de março de 1900. *Approva o regulamento do Cemitério da Capital*. Art. 1.
- 58 Neologismo utilizado por escritores da Modernidade, entre eles, Walter Benjamin, que se refere à fisionomia da cidade e ao olhar do fisiognomista. BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*: representação da História em Walter Benjamin. 2.ed. São Paulo: editora da USP, 2000.
- 59 Idem, p. 19.

[Artigo recebido em Março de 2018. Aprovado para publicação em Julho de 2018]